

# ANÁLISE DAS INTOXICAÇÕES POR PLANTAS ENTRE OS IDOSOS BRASILEIROS

Kelvyn Kennedy de Figueiredo Silva <sup>1</sup>  
Bruna Braga Dantas <sup>2</sup>

## RESUMO

**Introdução:** O uso de plantas medicinais com finalidade terapêutica está intimamente relacionado à própria evolução do homem. Atualmente, grande parte da população idosa utiliza tal mecanismo para cura de seus males, porém pelo seu uso indiscriminado muitos indivíduos estão sujeitos a intoxicação. Assim, objetiva-se descrever o perfil epidemiológico e demográfico dos idosos brasileiros intoxicados por estas plantas entre o período de 2007 a 2017. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo por meio de uma investigação transversal, retrospectiva e quantitativa de dados provenientes do SINAN. **Resultados e Discussão:** Durante o período estudado, aumentou 4 vezes o número de notificações por intoxicações com plantas entre idosos, resultando no total de 301 casos. O maior número de registros ocorreu entre 60 à 69 anos (59,5%), com predomínio para o sexo masculino (56,5%) e para raça branca (48,2%). Quanto ao índice de escolaridade, 24,6% dos casos possuíam o ensino fundamental incompleto. Para diagnóstico, o critério clínico foi o mais rotineiro (67%) e na maioria dos casos (81%), houve a cura sem sequelas, mesmo com 66% das notificações, de fato, serem quadros de intoxicação. Tangente a circunstância da intoxicação, 65% aconteceram acidentalmente. **Considerações finais:** Depreende-se que o uso de plantas medicinais por idosos brasileiros tem resultado em aumento do número de intoxicações involuntárias, sugerindo a falta de conhecimento sobre a toxicidade dos vegetais. Logo, é primordial que sejam realizadas campanhas educacionais com a finalidade de esclarecer que o fato de um produto ser designado “natural” não quer dizer que ele esteja isento de propriedades tóxicas.

**Palavras-chave:** Plantas tóxicas, Plantas medicinais, Intoxicação exógena, Saúde do idoso.

## INTRODUÇÃO

Desde tempos pré-históricos substâncias químicas de origem vegetal são utilizadas pelo homem com a intenção de tratamento, cura e prevenção de doenças, ou, até mesmo, homicídio e suicídio, constituindo, assim, a marcante fase de descoberta do potencial terapêutico e tóxico das substâncias encontradas na natureza. Na Idade Média, Paracelso postulou que toda substância possui potencial tóxico, porém o que diferencia um veneno de um remédio é a dose administrada. Sob tal ótica, verifica-se que a toxicologia se faz presente na história da humanidade desde seus primórdios, sendo um campo que cada vez mais ganha importância nos

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [kelynkennedy@gmail.com](mailto:kelynkennedy@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Biotecnologia, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [brunabdantas@gmail.com](mailto:brunabdantas@gmail.com)

dias contemporâneos, principalmente no âmbito da saúde pública brasileira e mundial (OLIVEIRA et al., 2018; MACIEL et al., 2018).

A toxicologia é uma ciência multiprofissional e interdisciplinar que estuda os efeitos adversos das substâncias químicas, físicas e biológicas sobre os organismos vivos, tendo como objetivo a prevenção ou tratamento de uma possível exposição. A fase da toxicologia na qual se observa o aparecimento de sinais e sintomas resultantes de uma exposição é denominada intoxicação, que pode ser classificada em aguda ou crônica (BRASIL, 2017).

A intoxicação é um conjunto de sinais e sintomas evidenciados pelo desequilíbrio fisiológico ocasionado ao expor, voluntária ou involuntariamente, uma substância nociva a um organismo vivo. As intoxicações podem ser classificadas em acidentais ou intencionais, sendo a primeira mais frequente entre idosos, especialmente no que tange ao contato com as plantas tóxicas (CAMPOS, 2016; COSTA et al., 2019).

Toda planta apresenta alguma toxicidade em determinada dosagem, porém a denominação de plantas tóxicas se conceitua a todos os vegetais que, através do contato, inalação ou ingestão, acarretam danos à saúde, tanto para o homem como para animais, podendo inclusive levá-los a óbito. Estas plantas apresentam substâncias que podem desencadear alterações patológicas, que vão desde alergias na pele e mucosas, até distúrbios cardiovasculares, respiratórios, metabólicos, gastrintestinais e neurológicos (CAMPOS, 2016).

Logo, a exposição de tais agentes tóxicos entre os cidadãos longevos se constitui um sério problema de saúde pública, especialmente por se tratar da exposição de indivíduos fisiologicamente sensíveis. No Brasil, os idosos, na maioria das vezes, desconhecem as propriedades tóxicas das plantas medicinais que estão utilizando. Além de tal desconhecimento, a banalização, muitas vezes consequência da falta de informação, do consumo dessas substâncias químicas no ambiente doméstico, bem como o uso contínuo e simultâneo de várias delas, evidencia um risco elevado de saúde, podendo levar à intoxicação (PEREIRA et al., 2016).

Sendo assim, considerando a vulnerabilidade da faixa etária supracitada, somado ao pouco conhecimento acerca das plantas tóxicas, o presente estudo possui como objetivo descrever o perfil epidemiológico e demográfico dos idosos brasileiros intoxicados por essas plantas entre o período de 2007 a 2017 e traçar uma análise quantitativa dos diversos fatores envolvidos nas notificações.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo por meio de uma investigação transversal, retrospectiva e quantitativa de dados secundários referentes aos registros provenientes das fichas de investigação dos casos de intoxicações exógenas, notificadas no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), no período de 2007 a 2017.

O estudo foi realizado através do tabulador (TABNET), que é um sistema desenvolvido pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) para gerar informações das bases de dados do Sistema Único de Saúde (SUS). O TABNET é alimentado por vários bancos de dados de saúde nacionais, dentre eles o escolhido para esta pesquisa, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Utilizou-se como fonte de dados, o banco das “Intoxicações Exógenas” do SINAN Net.

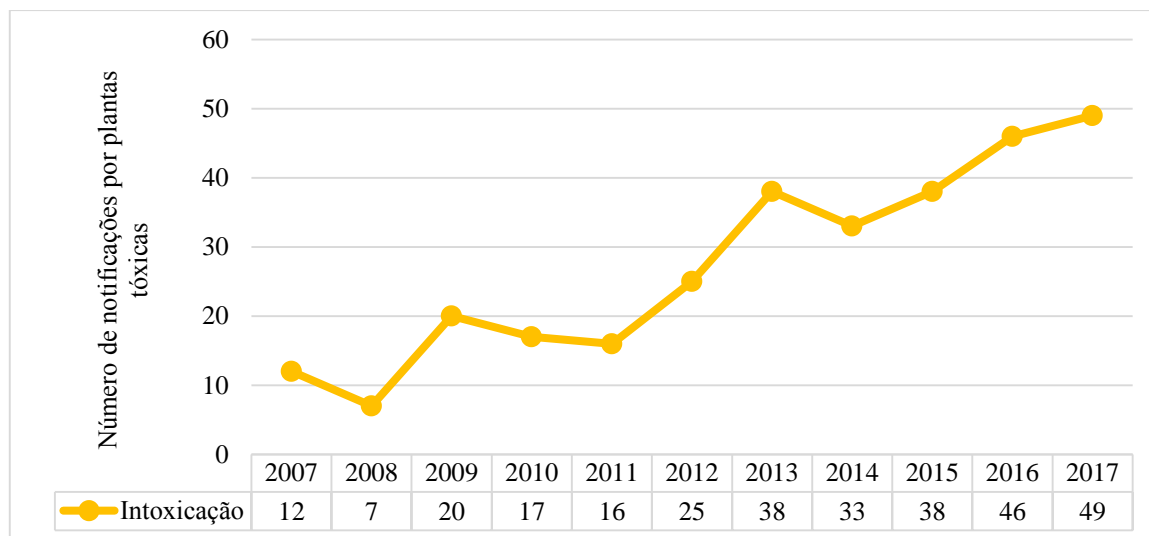
Realizou-se, então, uma coleta de dados em maio de 2020 levando em consideração as notificações por intoxicação exógena por plantas ocorridas no período de 2007 a 2017 entre os idosos brasileiros. Assim, para garantir uma eficaz extração de informações, foram utilizadas variáveis associadas ao perfil demográfico, como a faixa etária, sexo, raça, escolaridade, e variáveis clínico-epidemiológicas, como a circunstância da intoxicação, evolução clínica, classificação final da intoxicação e critério de confirmação.

Os resultados obtidos foram organizados e processados em forma de gráficos e tabelas, com a utilização do software Microsoft Excel 2013, e confrontados com a literatura pertinente. Salienta-se que por se tratar de um estudo descritivo, cujos dados foram obtidos através de consultas a banco de dados, não houve necessidade de submeter o presente trabalho ao Comitê de Ética e Pesquisa.

## **RESULTADOS**

Verificou-se, dentro do período estudado, um aumento de aproximadamente 4 vezes (49:12) de notificações com intoxicações por plantas entre os idosos brasileiros, com registros de 12 casos durante o ano de 2007 e 49 casos durante o ano de 2017, totalizando ao longo dos 11 anos de estudo, 301 casos notificados. Nesse viés, observa-se, em primeira instância, que a utilização de plantas por estes indivíduos ainda é uma prática vigente na sociedade hodierna sendo imprescindível a discussão deste tema frente a tal população, tendo em vista o aumento expressivo das notificações de intoxicações por plantas nos últimos anos (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Números de notificações referentes a intoxicação por plantas entre os idosos brasileiros durante o período de 2007 a 2017.**



Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

Ao analisar os dados sociodemográficos de notificações dos idosos intoxicados por plantas no Brasil, durante o período de 2007 a 2017, constata-se que houve uma maior prevalência de notificações no sexo masculino (56,5%), e com predominância de notificações entre brancos (48,2%) e pardos (21,0%). Com relação a faixa etária, houveram poucos registros na população acima de 80 anos (10,6%), com uma predominância de notificações no grupo entre 60 à 69 anos (59,5%). Quanto ao nível de escolaridade, observa-se um grande grupo sem identificação da escolaridade (57,4%); um baixo número de notificações para profissionais de nível superior (3,0%), havendo para tanto uma predominância para o grupo com menor nível de escolaridade, com destaque para os registros de pessoas com ensino fundamental incompleto (24,6%) (Tabela 1).

**Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos idosos intoxicados por plantas no Brasil durante o período de 2007 a 2017.**

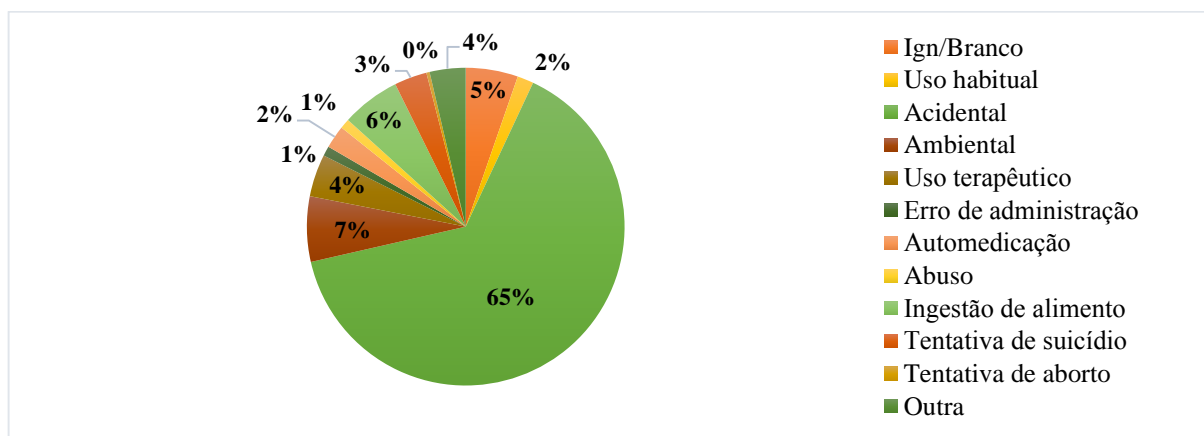
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total	(%)
<b>Sexo</b>													
Feminino	5	2	4	11	9	13	21	19	15	15	17	131	43,5
Masculino	7	5	16	6	7	12	17	14	23	31	32	170	56,5
<b>Faixa etária</b>													
60-64	7	2	9	5	8	7	8	13	12	16	14	101	33,5
65-69	2	2	4	4	3	7	10	11	7	9	19	78	26,0
70-79	3	3	3	7	5	9	14	5	15	17	9	90	30,0
80 e +	-	-	4	1	-	2	6	4	4	4	7	32	10,6
<b>Raça</b>													
Ign/Branco	4	3	2	5	3	10	12	8	6	15	12	80	26,6

<b>Branca</b>	7	3	14	9	8	11	14	22	20	15	22	145	48,2
<b>Preta</b>	-	1	-	1	1	-	2	1	1	2	3	12	4,0
<b>Amarela</b>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,3
<b>Parda</b>	1	-	4	2	4	4	9	2	11	14	12	63	21,0
<b>Escolaridade</b>													
<b>Ign/Branco</b>	9	4	12	13	8	12	22	20	16	27	29	172	57,1
<b>Analfabeto</b>	1	-	-	2	1	-	2	-	-	-	2	8	2,6
<b>E.F. Incompleto</b>	2	1	7	1	4	5	8	5	13	15	13	74	24,6
<b>E.F. Completo</b>	-	-	-	-	-	3	2	3	6	1	3	18	6,0
<b>E.M Incompleto</b>	-	1	1	-	-	1	-	-	1	1	-	5	1,7
<b>E.M Completo</b>	-	-	-	-	3	3	-	5	1	1	1	14	4,6
<b>E.S. Completa</b>	-	1	-	1	-	-	4	-	1	1	1	9	3,0
<b>Não se aplica</b>	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,3

Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

Com relação à circunstância das intoxicações, constatou-se que, entre os idosos brasileiros, os casos não intencionais representam as principais ocorrências notificações, com um total de 88% dos registros, que elencam fatores como acidental, uso habitual, uso terapêutico, erro na administração, automedicação e ingestão de alimentos. No que tange ao quadro de intoxicação intencional, pode-se declarar que os números são reduzidos, pois verifica-se um total de 4% dos casos, associados a tentativa de aborto, tentativa de suicídio e abuso. Diante disso, conclui-se que as estatísticas divulgadas demonstram que as intoxicações por plantas ocorrem, principalmente, de forma acidental e são, portanto, evitáveis. Assim, vê-se a necessidade de divulgar informações acerca do uso correto de plantas como forma terapêutica, a fim de reduzir o presente cenário (Gráfico 2).

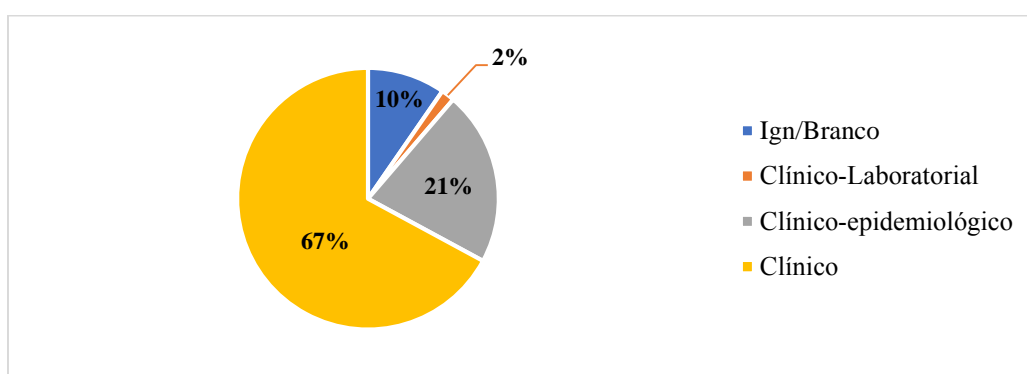
**Gráfico 2 – Distribuição dos casos notificados de intoxicação por plantas entre os idosos brasileiros durante o período de 2007 a 2017, segundo a circunstância da intoxicação.**



Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

Quanto ao critério utilizado para diagnóstico, observa-se que há um número reduzido de exames laboratoriais para confirmação da intoxicação (2%). Em contrapartida, a ferramenta mais utilizada para o reconhecimento de intoxicações entre os idosos é o exame clínico (67%), caracterizado pelo histórico descritivo do próprio paciente ou por um familiar. É necessário pontuar, porém, que a ausência de exames laboratoriais ou até mesmo da amostra das plantas pode dificultar a identificação precisa da espécie vegetal, impossibilitando uma efetiva medida terapêutica (Gráfico 3).

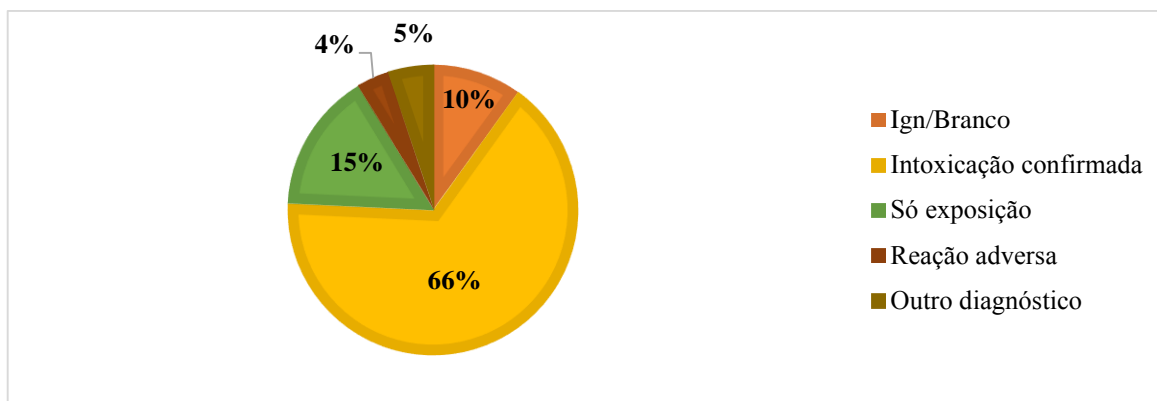
**Gráfico 3 – Distribuição dos casos notificados de intoxicação por plantas entre os idosos brasileiros durante o período de 2007 a 2017, segundo critério de confirmação.**



Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

Em relação a classificação final, nota-se que a grande maioria das notificações de fato conferem quadros de intoxicação, sendo representadas por 66% dos casos. Além disso, o número de intoxicações a partir da exposição, também torna-se expressiva com 15% dos casos, podendo ser explicado, em parte, pelas inúmeras plantas tóxicas serem cultivadas em ambiente doméstico e estando cada vez mais próximo dos idosos. (Gráfico 4).

**Gráfico 4 – Distribuição dos casos notificados de intoxicação por plantas entre os idosos brasileiros durante o período de 2007 a 2017, segundo classificação final.**

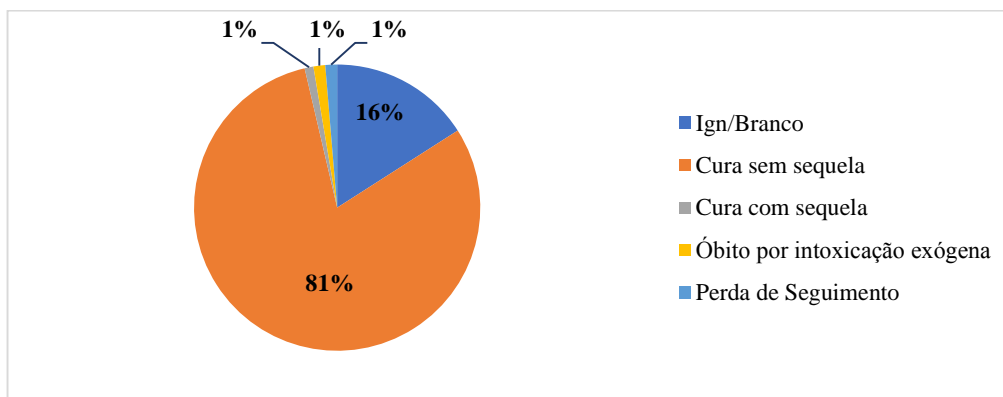


Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

Esse estudo verificou, ainda, a evolução clínica das intoxicações por plantas perante os idosos, no qual percebe-se que há um percentual elevado de cura sem seqüela (81%), porém

ainda é possível observar casos de cura com sequelas (1%), perdas de segmento (1%), óbitos (1%) e evolução desconhecida (16%). (Gráfico 5).

**Gráfico 5 – Distribuição dos casos notificados de intoxicação por plantas entre os idosos brasileiros durante o período de 2007 a 2017, segundo a evolução clínica.**



Fonte: Adaptado do Ministério da Saúde - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2020.

## DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo demonstram que, dentro do período estudado, houve um aumento no número de registros, com um total de 301 casos de notificações de intoxicação por plantas entre os idosos, com destaque para a faixa etária entre 60-69 anos com o maior número de casos. Segundo Machado e colaboradores (2015) um dos motivos que levam aos quadros de intoxicação entre os idosos é o fato de que eles utilizam as plantas como medida terapêutica por possuírem a crença que estas não fazem mal por serem naturais. Assim, o mito de que “o que é natural, não faz mal”, ou mesmo “se não fizer bem, mal não faz” corrobora para o uso indiscriminado das plantas pelos indivíduos longevos, os quais acreditam na “naturalidade inócua” destas.

Em contraste, o menor número de notificações por intoxicação prevaleceu nos idosos com 80 anos ou mais. Segundo Lourenço e colaboradores (2018) ao longo do processo de senescência ocorre, em paralelo, o mecanismo de fragilidade fisiológica, o qual reflete em alterações fisiológicas multissistêmicas, aumento das prevalências de comorbidades e limitações da capacidade funcional do idoso. Logo, induz-se que os menores índices de intoxicação entre os idosos mais longevos pode ser explicado pelo fato de que estes cidadãos estão mais debilitados e, geralmente, não conseguem praticar o autocuidado, necessitando de pessoas para suprir tal necessidade. Portanto, estes fatos podem inviabilizar ou reduzir o consumo de plantas pela gravidade das comorbidades encontradas e necessidade de tratamentos específicos, bem como pela questão da necessidade de cuidadores.

Referente a raça, apontou-se, ainda, uma maior incidência sobre os idosos declarados brancos e pardos, o que pode ser justificado pelo perfil da raça brasileira. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 45,22% dos brasileiros se declaram como brancos, 45,06% como pardos, 8,86% como pretos, 0,47% como amarelos e 0,38% como indígenas (IBGE, 2015). Por conseguinte, presume-se que o panorama elencado influencia diretamente nos índices de notificações por intoxicações.

Dos 301 casos notificados neste período, foi possível compreender que existe uma prevalência do sexo masculino em relação ao feminino, porém não tão alarmante. De fato, autores como Campos (2016) não consideram essa diferença na incidência significativa o bastante, na qual se pode levantar a hipótese causal nas mulheres o fato de muitas das espécies tóxicas serem usadas na ornamentação, enquanto que os incidentes durante o trabalho no campo atinge mais os homens. Salienta-se que, no Brasil, a notificação dos eventos toxicológicos não é obrigatória, o que favorece a subnotificação. Assim, os dados estatísticos devem ser analisados com cautela, pois muitos casos não são registrados ou são notificados como exposição a agente tóxico desconhecido (MONSENY et al., 2015).

É oportuno destacar que a baixa renda, oriunda da aposentadoria ou inexistência dela, implica no estado de saúde do idoso, uma vez que a situação socioeconômica influencia na diversidade e qualidade das plantas medicinais utilizadas, influenciando, assim, no nível de saúde. É importante evidenciar que tal parcela que se enquadra neste quesito têm menor acesso aos cuidados de saúde e adesão a programas educacionais e sanitários, visto que a educação também está relacionada às possibilidades relacionadas à renda (COSTA et al., 2019).

Assim sendo, no que se refere ao nível de escolaridade dos idosos intoxicados houve uma predominância dos indivíduos que possuíam o ensino fundamental incompleto. De acordo com Szerwieski e colaboradores (2017) os idosos apresentam baixa escolaridade devido à própria época e cultura que estavam inseridos e que apresentam o conhecimento empírico sobre plantas medicinais que foi passado entre as gerações. Silva e cooperantes (2015) enfatizam que a ausência de conhecimento científico faz com que a população idosa utilize de forma indiscriminada as plantas medicinais devido ao seu desconhecimento sobre a possível existência de toxicidade.

Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), 65,5% dos idosos brasileiros têm apenas o ensino fundamental incompleto. Nessa conjuntura, é plausível afirmar que o perfil educacional dos idosos é também um fator que contribui para os números elevados das intoxicações, haja vista tais indivíduos que se enquadram neste contexto estão mais susceptíveis a intoxicação, visto que utilizam as plantas sem ao menos



conhecer os efeitos colaterais e os riscos que estas possam oferecer. Além disso, possuem poucas informações quanto a sua forma de utilização e seus princípios tóxicos presentes (COSTA et al., 2019).

Tangente à circunstância da intoxicação observou-se um alto número de casos acidentais, indicando que a falta de informação por parte da população acerca do que sejam plantas tóxicas e dos perigos de usá-las em ambiente domiciliar. Em concordância com Santos e colaboradores (2015) pode-se certificar que a maioria das plantas tóxicas mais comuns são cultivadas em jardins como plantas ornamentais e que tanto plantas medicinais como as ornamentais podem ser potencialmente tóxicas dependendo somente da dose utilizada para atingirem esse potencial. Assim, o comportamento exploratório em plantas de fácil acesso em jardins e residências e a baixa percepção de risco dos idosos favorecem a alta incidência de intoxicação acidental.

Vale a pena ressaltar a presença de registros por intoxicação intencional que, embora tenha sido reduzida, ainda nos remete a uma análise do comportamento humano e das mazelas da sociedade e falta de comprometimento com a vida, valendo a pena um trabalho mais intenso no sentido de melhoria da qualidade de vida, nos aspectos sociais e econômicos, tendo em vista que as plantas estão livremente disponíveis e quando usadas incorretamente, de forma proposital, pode resultar em danos graves a outros ou a si mesmo (MACIEL et al., 2018).

Dessa forma, medidas de promoção à saúde e prevenção acerca das intoxicações podem ser fatores indispensáveis para mudar essa realidade, já que a maioria das intoxicações é acidental e, portanto, evitáveis. Logo, é imprescindível que sejam realizados trabalhos preventivos, com o objetivo de divulgar os perigos do consumo imoderado de plantas junto à população, pois, o desconhecimento ou o descuido com estas espécies vegetais é um dos principais fatores para ocorrência de acidentes (SANTOS et al., 2015).

Além disso, a crença de que os recursos naturais são desprovidos de efeitos tóxicos e o crescente uso de plantas medicinais, como opção terapêutica, podem desencadear a execução de forma descuidada das preparações caseiras, e a realização das etapas de forma errôneas como cultivo, coleta, preparo e armazenamento. Ainda por ausência de conhecimento, pode ocorrer erro de administração, consumo exagerado e, no caso de pacientes polimedicados, advir interações com medicamentos, dificultando a eficácia do tratamento (SANTOS et al., 2019).

Sendo assim, é evidente a necessidade de ações educativas para toda a população, incluindo idosos, afim de divulgar informações sobre a toxicidade das plantas, para que todos tenham o conhecimento sobre os riscos que podem estar sendo expostos. Tais intervenções educativas devem possuir o objetivo de esclarecer aos indivíduos longevos que o fato de uma

substância ser designada “natural” não quer dizer que ela seja isenta de riscos (ARAÚJO et al., 2018; COSTA et al., 2019).

No tocante a identificação da intoxicação depreende-se que existe um número reduzido de diagnósticos laboratoriais. Consoante aos autores Maciel (2018) e Monseny (2015) afirma-se que pode haver dificuldades tanto no diagnóstico quanto na identificação das plantas. A falta de conhecimento para identificação correta das plantas pelo idoso, a escassez de informações a respeito do potencial tóxico das espécies, os inúmeros nomes populares de tais vegetais e a ausência de profissional capacitado para a identificação correta da espécie em questão nos pontos de atendimento são os principais fatores dificultantes.

Desse modo, os profissionais da saúde, assim capacitados, devem realizar anamnese completa e investigativa na tentativa de identificar esta prática entre os pacientes longevos, possíveis divergências em relação à planta e sua verdadeira finalidade, posologia, preparo e administração, para assim, auxiliar e direcionar o tratamento de forma efetiva, segura e coerente com a realidade, visto que a população idosa já é proveniente de morbidades e restrições. É imprescindível, ainda, que tais profissionais atuem na desconstrução social da falsa ideia de que o que é natural não oferece nenhum tipo de prejuízo à saúde (MACHADO et al., 2015; SANTOS et al., 2019).

Em relação a evolução dos casos, a cura sem sequela foi a mais evidente com 81% dos casos, seguida das evoluções desconhecidas com 16%, cura com sequela 1%, óbito 1% e perda de seguimento com 1%. O prognóstico dos casos de intoxicação por plantas dependem da composição, toxicidade, quantidade, do tempo de início de envenenamento até o atendimento hospitalar e a situação clínica do paciente, segundo Machado e colaboradores (2016).

A partir dos dados acima é possível certificar que embora as intoxicações por plantas entre os idosos raramente sejam fatais é imprescindível que sejam compartilhadas informações referentes ao tema, haja vista muitas intoxicações deixam sequelas irreversíveis na população. É pertinente acentuar, ainda, que os idosos estão em processo de alterações associados a debilidade orgânica, o que de certa forma dificulta o curso dos princípios ativos das ervas no organismo, além de muitos possuírem órgãos cujo funcionamento já não é suficientemente adequado. Nesse contexto, embora a intoxicação por planta não seja fatal, em muitos casos pode ocasionar reações adversas no idoso, deixando-o suscetível ao ambiente hospitalar. Contudo, já está bem elucidado que o meio hospitalocêntrico apresenta riscos aos indivíduos longevos que vão desde quedas a infecções (VACCARI et al., 2016; MACIEL et al., 2018; COSTA et al., 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi mostrado no presente estudo, infere-se que a prática do uso de plantas medicinais por idosos brasileiros é bastante comum na sociedade hodierna, todavia uma grande parcela desconhece os efeitos tóxicos da utilização de tais vegetais, deixando-os susceptíveis a quadros de intoxicação, que tem predominância em homens, em indivíduos brancos e pardos, delimitados em uma faixa etária de 60 à 69 anos, com ensino fundamental incompleto. Vale ainda ressaltar, que a maioria das intoxicações ocorrem de forma acidental, são diagnosticadas de forma clínica e resultam em bom prognóstico, com cura sem sequelas.

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de prevenção das intoxicações, o que pode ser feito criando rótulos de abrangência geral, realizando campanhas educacionais que instruem a população idosa quanto ao potencial tóxico, à forma de manuseio e os riscos da ingestão de plantas desconhecidas, cuidados com a utilização de plantas como medicamentos e precauções que devem ser tomadas na ornamentação de praças, jardins e no interior das residências.

Os profissionais de saúde, por sua vez, devem estar presentes nesse contexto, buscando um canal mais aberto de comunicação com os usuários desse recurso terapêutico, além de incentivá-los a notificar qualquer tipo de reação adversa. Vale salientar que é imprescindível que tais profissionais encorajem os idosos a relatar nas consultas se utilizam algum tipo de planta com finalidade terapêutica, explicando que a omissão desta informação pode aumentar riscos ao paciente ou ainda ocorrer um erro de diagnóstico.

Por fim, além dos trabalhos de difusão de informações sobre plantas tóxicas, é essencial que se desenvolvam pesquisas interdisciplinares visando ampliar o conhecimento sobre espécies vegetais da biodiversidade brasileira nas interfaces químico - e tóxico - farmacológicas. Assim, será possível traçar estratégias mais efetivas de prevenção e disseminar informações verídicas que propiciem à população idosa a autonomia nos cuidados à sua saúde.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação-Geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. **Guia de vigilância em saúde**, v. único. 2<sup>a</sup> ed, Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/outubro/06/Volume-Unico-2017.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

CAMPOS, S. C. et al. Toxicidade de espécies vegetais. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 1, p. 373-382, 2016.

CARNEIRO, A. L. C.; COMARELLA, L. Principais interações entre plantas medicinais e medicamentos. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 9, n. 5, p. 4-19, 2016.

COELHO, A. P. et al. PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTOXICAÇÕES POR PLANTAS TÓXICAS NO ESTADO DO MATO GROSSO ENTRE OS ANOS DE 2008 A 2017. **Caderno de Publicações Univag**, n. 09, 2018.

COSTA, A. R. F. C. et al. USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR IDOSOS PORTADORES DE HIPERTENSÃO ARTERIAL. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 17, n. 1, p. 16-28, 2019.

LOURENÇO, R. A. et al. Consenso brasileiro de fragilidade em idosos: conceitos, epidemiologia e instrumentos de avaliação. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 12, n. 2, p. 121-135, 2018.

MACHADO, R. et al. Avaliação sobre o conhecimento do uso de plantas medicinais em dois grupos de idosos. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, n. 2, 2016.

MACIEL, J. M. M. P. et al. Análise retrospectiva das intoxicações por plantas no Brasil no período de 2000-2015. **Revinter**, v. 11, n. 03, p. 74-86, 2018.

MENDIETA, M. C. et al. Plantas tóxicas: importância do conhecimento para realização da educação em saúde. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 680-686, 2014.

OLIVEIRA, T. L.. UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS POR IDOSOS EM TRÊS BAIRROS DO MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DO ALMEIDA-BA. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14, n. 2, 2018.

PACHECO VILELA, Alder; PEREIRA DA SILVA, Wagner. A INTOXICAÇÃO EXÓGENA COMO MÉTODO DE TENTATIVA E SUICÍDIO ENTRE OS IDOSOS. **Revista Saúde**, v. 12, 2018.

PEREIRA, A. R. A. et al. Uso tradicional de plantas medicinais por idosos. **Rev Rene**, v. 17, n. 3, p. 427-434, 2016.

SANTOS, B. C. M. et al. PERCEPÇÃO DOS IDOSOS SOBRE PLANTAS TÓXICAS. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer**, v. 11, n. 22, p. 3737, 2015.

SANTOS, S. L. F. et al. Uso de Plantas Medicinais por idosos de uma instituição filantrópica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde**, v. 4, n. 2, p. 71-75, 2019.

SILVA, A. B. et al. O uso de plantas medicinais por idosos usuários de uma unidade básica de saúde da família. **Rev Enferm UFPE [Internet]**, v. 9, p. 7636-43, 2015.

SZERWIESKI, L. L. D. et al. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista eletrônica de enfermagem**, v. 19, 2017.

VACCARI, E. et al. Segurança do paciente idoso e o evento queda no ambiente hospitalar. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 5, 2016.